

Fusão por ditongação: A informação de presente

Vítor de Moura Vivas¹

RESUMO: Demonstramos, em nossa pesquisa, que a morfologia flexional portuguesa se organiza não só por concatenação de afixos, mas também por padrões não-concatenativos: a fusão. O foco desse artigo é a fusão de presente por ditongação que ocorre na flexão verbal, um mecanismo morfológico motivado fonologicamente, sistemático e produtivo no português.

PALAVRAS-CHAVE: Presente; Ditongação; Fusão.

ABSTRACT: We demonstrate in our search that the Portuguese inflectional morphology is organized not only by concatenation of affixes, but also by non-concatenative patterns: the fusion. The focus of this paper is the fusion of present by diphthongization that occur in verbal inflection, a morphological mechanism phonologically motivated, systematic and productive on Portuguese.

Key words: Present; Diphtongization; Fusion.

Introdução

As operações morfológicas podem ocorrer através da morfologia concatenativa (linear) ou pela morfologia não-concatenativa (não-linear). A morfologia concatenativa consiste no acréscimo de prefixos e sufixos a bases; nesse tipo de morfologia, os elementos morfológicos são facilmente recuperáveis: “morfemas concatenativos podem ser recuperados por uma análise de vocábulos na direção esquerda-direita ou direita-esquerda buscando-se constituintes recorrentes, possivelmente com constante sentido ou função” (McCARTHY, 1981: 373).

A morfologia não-concatenativa (não-linear) sempre foi colocada à margem dos estudos estruturalistas. As operações não-lineares são consideradas, segundo McCarthy (1981), como resíduos das operações que podem ser analisadas por comutação: “esse status de resíduo atribuído à morfologia não-concatenativa nas análises estruturalistas se estende às teorias gerativistas também” (MCCARTHY, 1981: 373). Há vários exemplos dessas

¹ Aluno de Doutorado da UFRJ orientado pelo Professor Carlos Alexandre Gonçalves, é bolsista do Órgão de Fomento CAPES e Professor Substituto da UFRJ. E-mail para contato: vitorvivas@yahoo.com.br.

operações consideradas como resíduos pela literatura – reduplicação, infixação, modificação no tema (radical + vogal temática), entre outros.

Geralmente, defende-se que a flexão verbal do português se organiza só por concatenação de afixos de modo-tempo e número-pessoa. Exemplos de mudança no radical que informa conteúdos gramaticais são considerados pela literatura morfológica como casos de exceção, já que seria a morfologia portuguesa aglutinativa. Pretendemos demonstrar que há regularidades nas alterações que sofre o radical, e essas regularidades precisam ser estudadas e sistematizadas no português. O foco do artigo é demonstrar que o conteúdo gramatical de presente em português pode ser indicado através da ditongação.

Fundamentando-nos em uma abordagem que acredita na relação motivada entre forma e conteúdo (BYBEE, 1985; GONÇALVES, 2005), pretendemos evidenciar, neste artigo, que modificações formais no radical de verbos são exemplos de fusão em português. Objetivamos confirmar, seguindo Gonçalves (2005), que a língua portuguesa não é puramente aglutinativa, havendo, desse modo, duas possibilidades de indicar informações gramaticais na morfologia do verbo: por concatenação de formas ou por fusão. Como aponta Bybee (1985: 45), “*muitas línguas utilizam uma combinação de aglutinação e fusão*”.

Demonstramos, brevemente, na seção 1, a maneira como a modificação no radical é tratada pela literatura morfológica. Geralmente, são apresentadas regularidades formais, mas sem se analisar o conteúdo expresso por tais regularidades. Na seção 2, evidenciamos casos de morfologia não –concatenativa na flexão verbal do português. Já na seção 3, apresentamos um aporte teórico (BYBEE, 1985; GONÇALVES, 2005) que nos permite afirmar que alterações no radical do verbo, na maioria das vezes, veiculam alguma informação gramatical: categorias gramaticais se fundem em bases. Assim, conseguimos apontar as causas para essas modificações formais, que constituem problemas para a literatura morfológica estruturalista.. Na seção 4, demonstramos casos de ditongação no radical do verbo que veicula o conteúdo gramatical de tempo *presente* na flexão verbal do português. Na conclusão, apresentamos breves considerações a que chegamos através da pesquisa.

1) Revisão da literatura

Na literatura estruturalista, quando se aborda alguma espécie de mudança no radical dos verbos, trata-se dessa modificação apenas através de argumentos formais. Em algumas obras da literatura morfológica sobre o português (KOCH & SOUZA e SILVA, 1989; ZANNOTO, 2006; CÂMARA JR., 1970; LOPES, 2003; MONTEIRO, 1991), padronizam-se

muito bem os verbos, chamados de irregulares, quanto às semelhanças formais entre os tempos.

Não vemos, todavia, nessa padronização de grupos de verbos, o que, em termos de significado, liga essas formas verbais. Na minoria dos casos, os autores demonstram uma relação entre mudança na base e informação gramatical expressa. Koch & Souza e Silva (1989), apesar de mostrarem que Câmara Jr. (1970) já observara que irregularidades no verbo trazem informação gramatical, fazem uma descrição quase toda baseada em aspectos formais. As autoras afirmam, inclusive, que as alternâncias vocálicas que ocorrem nas formas rizotônicas do presente do indicativo na segunda e na terceira conjugação ou a ditongação do radical que se dá nas formas rizotônicas de certos verbos ('passar', 'odiar') são "*simplesmente alterações fonologicamente condicionadas*" (KOCH & SOUZA e SILVA, 1989, p.60). A única modificação no radical com contraparte significativa apontada, pela grande maioria autores de base estruturalista, é a alternância vocálica. Mesmo assim, são expostos poucos casos e a alternância é considerada improdutiva.

Como afirmam Azuaga (1996) e Gonçalves & Almeida (2008), a alternância vocálica é um dos problemas no mapeamento biunívoco entre morfe e morfema. Observa Azuaga (1996) que as relações apofônicas (*ablaut*, *umlaut* e modificações morfológicamente significativas em vogais e consoantes) talvez constituam o caso mais importante na explicitação da dificuldade de identificação e segmentação de morfemas. Os exemplos apontados pela autora são do inglês: 'sing'; 'sang' ('cantar'; 'cantei') / 'break'; 'broke' ('partir'; 'partiu') / 'foot'; 'feet' ('pé'; 'pés') / 'man'; 'men' ('homem'; 'homens'). Segundo a autora, casos de mutação vocálica e consonantal são exemplos de modificação parcial da base. Há, ainda, os casos em que o processo envolve mudança total da base, como, em português, o verbo 'ser' ('fui') e, em inglês, o verbo 'go' ('went').

Defendemos a hipótese de que modificações formais no radical dos verbos possuem, frequentemente, uma contraparte semântica. Mesmo modificações condicionadas fonologicamente (por exemplo, a ditongação que ocorre na vogal tônica do radical) podem acarretar alguma informação gramatical. Em outras palavras, acreditamos, como Bybee (1985) e Gonçalves (2005), na correlação entre forma e significado; assim, padrões formais próximos são também relacionados em termos de informação gramatical. Em português, o processo morfológico que envolve mudança total ou parcial da base, explicitado por Azuaga (1996), tem regularidade e produtividade. A literatura morfológica estruturalista percebe mudanças formais regulares em bases. Entretanto, não se dá conta plenamente da contraparte

semântica dessas mudanças, que evidenciam nem sempre serem afixos os expoentes de informações gramaticais.

2) Casos de morfologia não-concatenativa na flexão verbal do português

No português, a flexão verbal manifesta-se principalmente através da concatenação de afixos, como verificamos abaixo:

(1) Concatenação

Tema (Radical + VT) + SMT + SNP

Pretérito Imperfeito

Cantava	Vendia	Partia
Cantavas	Vendias	Partias
Cantava	Vendia	Partia
Cantávamos	Vendíamos	Partíamos
Cantáveis	Vendíeis	Partíeis
Cantavam	Vendiam	Partiam

Futuro do presente

Cantarei	Venderei	Partirei
Cantarás	Venderás	Partirás
Cantará	Venderá	Partirá
Cantaremos	Venderemos	Partiremos
Cantareis	Vendereis	Partireis
Cantarão	Venderão	Partirão

Nesses exemplos, a informação de modo-tempo se dá por acréscimo de afixo (morfologia concatenativa): -va (-ve), -ia (-ie) para pretérito imperfeito e -ra e -re para futuro do presente. A informação número-pessoal, na maioria dos casos, também se dá por acréscimo de afixo. O conteúdo de P4, por exemplo, em todos os tempos verbais do português, é expresso por acréscimo de -mos. Todavia, nem sempre a informação de categorias gramaticais ocorre por concatenação de afixos. A informação gramatical de tempo e de número-pessoa também pode ocorrer por modificação na base (morfologia não-linear), essa modificação ocorre por diversos expedientes: alternância vocálica, ditongação, mudança consonantal, entre outros (VIVAS, 2011).

A literatura estruturalista determina que a informação da categoria presente no tempo presente do indicativo se dá por uma ausência formal, isso, inclusive, faz com se postule um

morfema zero. Em nossa pesquisa, demonstramos que nem sempre é uma ausência formal que indica a categoria gramatical presente, na verdade, essa categoria, muitas vezes, é veiculada através da morfologia não-concatenativa. O conteúdo de presente manifesta-se nos tempos presente do indicativo, presente do subjuntivo e imperativo².

Verificamos que há alguns expedientes formais não-concatenativos que veiculam a noção de presente: alternância vocálica³ (abertura de vogal média: ‘p[ɛ]go’, de ‘pegar’, ‘j[ɔ]go’, de ‘jogar’, ‘est[ɔ]ro’, de ‘estourar’, ‘p[ɔ]so’, de ‘pousar’, ‘int[ɛ]ro’, de ‘inteirar’ ‘end[ɔ]ido’, de ‘endoidar’); mudança na consoante final do radical (‘per[k]o’, de ‘perder’, ‘ou[s]o’, de ‘ouvir’) e ditongação (qu[ej]ra, de ‘querer’, present[ej]a, de ‘presentear’).

A informação número-pessoal de P1 e P3 também pode ocorrer por alternância vocálica. No aporte estruturalista, verifica-se a indicação de P1 por vogal alta na sílaba tônica do radical e de P3 por vogal média-alta: ‘f[i]z’ e ‘f[e]z’; ‘p[u]de’ e ‘p[o]de’. Vivas (2011) demonstra que o falante realiza, em algumas variedades, a alternância vocálica produtivamente veiculando determinados conteúdos: distinção entre P1 e P3 pela oposição entre vogal alta e vogal média (‘tr[u]xe’ e ‘tr[o]xe’; ‘c[u]be’ e ‘c[o]be’), informação de presente por abertura de vogal média (est[ɔ]ro, p[ɔ]so, r[ɔ]bo, int[ɛ]ro).

Fundamentando-nos em Bybee (1985) e Gonçalves (2005), demonstramos, na próxima seção, que mudanças no radical são, muitas vezes, reflexos de informação gramatical que se funde no conteúdo lexical de vocábulos. Essa fusão de conteúdos é sistemática nas línguas do mundo e pode explicar o porquê de haver mudanças formais regulares nos verbos da língua portuguesa. Para demonstrar a regularidade e a motivação dessas mudanças em radicais verbais, explicitamos como a expressão de superfície revela graus de relação semântica. Afixos mais próximos do radical são mais importantes semanticamente que afixos distantes do radical. Mudanças no radical verbal são, muitas vezes, reflexos da fusão de algum conteúdo flexional relevante ao verbo.

3) Motivação entre forma e conteúdo: a fusão

² Assim como o presente do indicativo e o presente do subjuntivo, o imperativo também indica presente (ROCHA LIMA, 1975).

³ Vivas (2010) demonstra a regularidade e sistematicidade da fusão por alternância vocálica no português, explicitando casos de informação de tempo e de número-pessoa.

Apresentaremos, nesta seção, as bases teóricas que nos levam a defender a hipótese de que modificações formais no radical veiculam conteúdos gramaticais. Através de Bybee (1985) e Gonçalves (2005), demonstramos que conteúdos relevantes tendem a se fundir em bases verbais. Alternância vocálica: ‘f[i]z’ / ‘f[e]z’ (distinção entre 1ª pessoa do singular e 3ª pessoa do singular), ditongação: ‘present[ej]-’ (radical de ‘presentear’ que veicula a noção de presente) e mudança consonantal: ‘per[k]-’ (radical de ‘perder’ que veicula o conteúdo de presente) são algumas das estratégias, no português, que evidenciam que a flexão verbal portuguesa se organiza também por fusão.

3.1) O que seria a relevância semântica?

Bybee (1985) evidencia haver forte correlação entre forma e significado na morfologia flexional de línguas naturais. Assim, observa que conteúdos gramaticais mais relevantes para a base tendem a ocorrer adjacentes a esse constituinte morfológico. Quando a relevância é muito alta, é frequente a ocorrência de fusão: um conteúdo mescla-se no outro numa forma muitas vezes indecomponível em partes mínimas significativas. Bybee (1985: 4) chega a afirmar que a principal hipótese de sua pesquisa é a de que o grau de fusão morfofonológica de um afixo para com o radical se correlaciona diretamente com o grau de relevância semântica desse mesmo afixo em relação à base. Portanto, para entender o que é fusão, é fundamental entender o princípio relevância. Para a autora, quando dois conteúdos são relevantes entre si, um deles afeta ou modifica diretamente o outro. Se houver um alto grau de relevância, a expressão tende a ser morfológica (flexional / derivacional) ou lexical. Já com conteúdos irrelevantes entre si, é frequente a expressão sintática.

Como aponta Gonçalves (2005), o conteúdo direcionalidade é muito importante para verbos de movimentos. Para o conteúdo *mover*, é fundamental saber *para onde se move*. Desse modo, é provável que encontremos expressão lexical desses conteúdos: ‘subir’ (andar para cima); ‘descer’ (andar para baixo); ‘seguir’ (andar para frente); ‘voltar’ (andar para trás); ‘entrar’ (andar para dentro); ‘sair’ (andar para fora). Já o conteúdo *companhia* (com quem se move), como demonstra Gonçalves (2005), não é tão fundamental para verbos de movimentos. Assim, não ocorre fusão dos conteúdos *movimento* e *companhia*. Realmente, quando queremos expressar que nos movemos na companhia de alguém, utilizamos a expressão sintática: ‘Andamos *com Fulano*’; ‘Seguimos *com Fulano*’; ‘*Eu e Fulano* voltamos de algum lugar’.

Para o conteúdo *orientação acadêmica*, é importante saber se ela foi em conjunto ou não. Por isso, apesar de não haver expressão lexical para os conteúdos *orientar + companhia*, verificamos expressão morfológica: ‘coorientar’; ‘coorientação’. Para conteúdos como *organizar, chefiar, participar* também é relevante o conteúdo *companhia*. Verificamos dados no português que comprovam essa previsão: ‘coparticipação’; ‘coorganizar’; ‘cochefiar’. Isso confirma a hipótese de Bybee (1985), segundo a qual conteúdos relevantes tendem a ser expressos lexical ou morfológicamente. Já conteúdos irrelevantes entre si tendem a ser expressos sintaticamente.

Aponta Bybee (1985: 13-14) que a relevância depende da saliência cognitiva e cultural: “dois conteúdos são altamente relevantes, um para o outro, se o resultado da combinação deles nomeia algo que tem alta saliência cultural ou cognitiva”. Gonçalves (2005) demonstra que, em português, o conteúdo *ritmo que se dança* é relevante para o conteúdo *dança*. Assim, muitas vezes, há fusão, no radical, desses dois conteúdos. Em ‘sambar’, há fusão no radical ‘samb-’ dos conteúdos *dançar* e *ritmo*. O mesmo ocorre em ‘pagodear’, ‘valsar’, ‘lambadear’, ‘salsar’, ‘sapatear’. Essa fusão do *ritmo que se dança* em radicais é indício de que ritmos musicais são elementos relevantes culturalmente no Brasil.

É possível medir a relevância de conteúdos gramaticais com relação a conteúdos lexicais. Bybee (1985) mostra uma distinção feita por Sapir (1921) entre os conteúdos relacional e material. O conteúdo material é expresso, geralmente, por palavras ou radicais e indica ações, objetos, qualidades. Já o conteúdo relacional refere-se a significados mais gramaticais e se manifesta por afixos ou por mudança no radical. Para entender a fusão em categorias flexionais, é fundamental medir a relevância do conteúdo relacional com relação ao conteúdo material. Para Bybee (1985: 15), “*uma categoria é relevante para o verbo na medida que o sentido dessa categoria afeta diretamente o conteúdo lexical do verbo*”. A autora aponta graus de relevância para categorias verbais. Ao estudar uma amostra de 50 línguas, elaborada por Perkins, ela chega à seguinte ordem decrescente de relevância para conteúdos gramaticais que mais frequentemente se manifestam por flexão em verbos:

(1) valência, voz, aspecto, tempo, modo e concordância.

A autora percebe, então, que o aspecto é uma categoria mais relevante para o significado verbal que a concordância. Enquanto o aspecto refere-se diretamente à ação descrita pelo verbo, a concordância faz referência aos participantes da ação. Segundo Bybee (1985), a maior relevância do aspecto sobre a concordância leva a duas previsões: 1) a ocorrência de mais expressões lexicais de aspecto que de concordância nas línguas do mundo e 2) a existência de mais línguas com a categoria flexional aspecto que com a categoria flexional concordância. Essa última previsão, segundo a autora, foi confirmada por Greenberg (1963), que demonstrou o seguinte: quando há flexão de número e pessoa nos verbos, há também flexão de tempo, aspecto ou modo. Essa informação reforça a escala de relevância proposta por Bybee (1985), visto que aponta serem tempo e modo mais relevantes para o verbo que concordância. No português, há flexão de número e pessoa, mas, como prevê Greenberg (1963), ocorre também flexão de modo, tempo e aspecto.

3.2) A fusão de categorias gramaticais

Fundamentando-se em Bybee (1985), Gonçalves (2005: 143) explicita o seguinte com relação à fusão:

“Por fusão, devemos entender (1) o uso de raízes supletivas, (2) os casos em que o radical incorpora noções gramaticais ou, ainda, (3) a escolha do alomorfe flexional por classes morfológicas. No primeiro caso, formas inteiramente dessemelhantes podem amalgamar dois ou mais conteúdos. No segundo, radicais podem conter informações gramaticais de natureza variada. No último, afixos flexionais diferentes podem ser selecionados em função de paradigmas morfológicos.”

Afirma Gonçalves (2005) que a previsão de Bybee (1985) se confirma em português: afixos mais relevantes tendem a ocorrer mais próximos do radical e apresentam mais casos de fusões que afixos que estão mais longe do radical na expressão de superfície. Assim, com relação a substantivos, demonstra que há muitos casos de fusão de gênero. Em formas como ‘cadela’, ‘mulher’, ‘nora’ ‘égua’, há fusão no radical dos conteúdos lexicais com o de *fêmea*; por exemplo, em ‘égua’, fundem-se os conteúdos *cavalo* + *fêmea*. Já a categoria número plural, expressa por um afixo terminal, ‘-s’, está mais distante da base que a marca de gênero,

a vogal ‘-a’. Dessa forma, é menos relevante e parece não se caracterizar por fusão: “o léxico contém grande contingente de formas com fusão semântica para o gênero e parece não apresentar amálgamas para o número” (GONÇALVES, 2005: 144-145). Os casos de fusão de gênero apresentados são do primeiro tipo evidenciado por Bybee (1985) – o que se atualiza por meio de formas supletivas. Assim, ‘égua’ expressa o animal equino fêmea e tem uma forma totalmente dessemelhante do vocábulo ‘cavalo’.

Com relação ao verbo, Gonçalves (2005) também afirma que modo, tempo e aspecto apresentam mais casos de fusão que número e pessoa, o que também confirma a previsão feita por Bybee (1985). Para exemplificar a fusão em verbos, Gonçalves (2005) demonstra, inicialmente, o segundo tipo de fusão: o radical incorpora noções gramaticais. A seguir, em (1), vemos a demonstração feita pelo autor (GONÇALVES, 2005: 145) para o verbo pôr:

- | | | |
|-----|-------|---------------------------------------|
| (1) | /poN/ | ponho, põe, ponha, ponhamos |
| | /puN/ | punha, púnhamos, punham |
| | /puS/ | puséramos, puséssemos, pusesse, puser |
| | /poR/ | porei, poríamos, poremos, poria |

Todas as formas acima apontadas expressam o conteúdo lexical *pôr, colocar*. Entretanto, em cada uma dessas formas, há fusão desse conteúdo lexical (material) com algum conteúdo gramatical (relacional) do verbo. Assim, em ‘/poN/’, há a indicação de tempo presente (os tempos que expressam essa noção são o presente do indicativo, o presente do subjuntivo e o imperativo). Em ‘/puN/’, existe a indicação do conteúdo *pretérito imperfeito do indicativo*; a forma ‘/poR/’ informa futuro. Já a forma ‘/puS/’ aparece nos seguintes tempos: pretérito imperfeito do subjuntivo; pretérito perfeito do indicativo; futuro do subjuntivo e pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Em nossa pesquisa (VIVAS, 2011), comprovamos que há diversos expedientes de fusão atuando na morfologia verbal do português. Na próxima seção, demonstramos casos de fusão por ditongação que veiculam o conteúdo de *presente*.

4) O expoente morfológico ditongação

O interesse de Bybee (1985) é na análise de modificações formais (morfofonológicas) que não são estritamente condicionadas fonologicamente e indicam informações gramaticais.

Segundo a autora, nesses casos, a mudança no radical do verbo é o principal sinal de uma categoria flexional ou coocorre com um outro expoente dessa categoria. Em nossos estudos, comprovamos que mesmo as modificações formais na base que têm condicionamento fonológico podem veicular conteúdos gramaticais. A ditongação em verbos terminados em -ear ('present[ej]o', 'present[ej]a', 'present[ej]em', 'present[ej]am') por exemplo, é condicionada fonologicamente, já que ocorre em contexto de sílaba tônica. Entretanto, veicula conteúdo gramatical, como o conteúdo de *presente*, conforme se verifica abaixo.

4.1) Ditongação no radical: informação de presente

Uma estratégia formal que indica presente no português é a ditongação no radical do verbo. Na 1ª conjugação, por exemplo, verbos terminados em '-ear' sofrem ditongação por epêntese de semivogal [j] no presente do indicativo, presente do subjuntivo, imperativo negativo e P3 e P6 do imperativo afirmativo no contexto de sílaba tônica. Em outras palavras, a epêntese de [j] ocorre nos tempos que indicam presente. Desse modo, fica evidente que a ditongação está a serviço da informação de presente. Alguns exemplos, buscados no Aurélio Eletrônico, são os seguintes:

- (2) alardear, altear, alhear, aperrear, altear, assenhorear, balancear, bambolear, baratear, barbear, bloquear, bobear, bombardear, bombear, cabecear, cear, cercear, clarear, custear, delinear, desencadear, despentear, devanear, escanear, estrear, frear, golear, golpear, homenagear, manusear, mapear, massagear, nocautear, parafrasear, passear, pentear, permear, presentear, rastrear, recheiar, saborear, sapatear, sortear, zonear.

Os verbos 'odiar' e 'incendiar', terminados em '-iar', também sofrem ditongação por epêntese de [j], como 'ode[j]' e 'incende[j]', em formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e dos imperativos. A título de exemplificação, observe-se a conjugação de 'presentear' no presente do indicativo:

- (3) Eu presente[j]o
 Você presente[j]a ~ Tu presente[j]as ~ Tu presente[j]a
 Ele presente[j]a
 Nós presenteamos ~ Nós presente[j]amos⁴ ~ A gente presente[j]a
 Vocês presente[j]am
 Eles presente[j]am

A epêntese de [j] nos radicais dos verbos terminados em ‘-ear’ informa a noção gramatical presente, como se vê nos dados em (4):

- (4)
- | | | |
|--------------|--------------|--------------|
| alarde[j] | cerce[j] | mape[j] |
| alte[j] | clare[j] | massage[j] |
| aperre[j] | custe[j] | nocaute[j] |
| assenhore[j] | deline[j] | parafrase[j] |
| balance[j] | desencade[j] | passé[j] |
| bambole[j] | despente[j] | pente[j] |
| barate[j] | devane[j] | perme[j] |
| barbe[j] | escane[j] | presente[j] |
| bloque[j] | estre[j] | rastre[j] |
| bobe[j] | fre[j] | reche[j] |
| bombarde[j] | gole[j] | sabore[j] |
| bombe[j] | golpe[j] | sapate[j] |
| cabece[j] | homenage[j] | sorte[j] |

⁴ Apesar de essa forma estar em desacordo com a norma padrão, ela é muito realizada pelos falantes. Segundo a norma padrão, a ditongação ocorre formalmente nas formas rizotônicas do presente do indicativo. Todavia, o falante realiza esse processo morfológico com frequência em P4 na sílaba pretônica: ‘presente[j]’amos’; ‘estre[j]’amos’; ‘ce[j]’amos’ indicando, dessa forma, a noção presente. Isso indica que a motivação semântica (informar presente) sobrepõe-se ao condicionamento fonológico (sílabas tônicas).

ce[j]

manuse[j]

zone[j]

Verificamos, então, que radicais com epêntese de [j] expressam tempo presente. Como esse fenômeno é regular e indica uma informação gramatical, o falante, às vezes, realiza-o mesmo quando seu uso está em desacordo com a norma padrão. Desse modo, em algumas variedades do português, é comum realizar ditongação por epêntese de [j] nas formas verbais terminadas em ‘-iar’. Esse uso é atestado por Reis (1982, p. 63): “*Pessoas incultas [sic] tendem a confundir estes verbos com os terminados em ear, e dizem: copeio, vareia, apreceio, etc. Esta pronúncia incorreta chega, em alguns lugares, a contaminar [sic] a própria linguagem de algumas pessoas cultas*”. A ditongação em verbos terminados em -iar (‘cop[ej]o’, ‘var[ej]a’, ‘aprec[ej]o’) tem motivação linguística: no infinitivo, a realização fonética de verbos terminados em -ear é a mesma realização dos verbos terminados em -iar (‘present[i.ar]’, ‘cop[i.ar]’), isso faz com que os falantes assimilem e realizem produtivamente o padrão. Além disso, há também uma motivação social: a utilização da ditongação nos verbos terminados em -iar, certamente, é mais frequente pelos falantes com menor grau de escolaridade.

A necessidade de Reis (1982) de citar, em um Breviário de Conjugação Verbal, a ditongação por epêntese nos verbos terminados em -iar deve-se à produtividade e à regularidade de sua ocorrência. Defendemos a hipótese de que esse processo é produtivo em algumas variedades por estar a serviço de uma informação gramatical: a indicação da categoria gramatical presente. Há uma série de verbos, terminados em ‘-iar’, nos quais o falante realiza a ditongação por epêntese de [j]. Quando realiza esse processo, está indicando presente através de uma marca formal: a mudança no radical do verbo (fusão), como se verifica abaixo:

(5)

vare[j]o / vare[j]a	contage[j]o / contage[j]a	fantase[j]o / fantase[j]a
cope[j]o / cope[j]a	desaprece[j]o / desaprece[j]a	finace[j]o / finance[j]a
aprece[j]o / aprece[j]a	deprece[j]o / deprece[j]a	maque[j]o / maque[j]a
abreve[j]o / abreve[j]a	diference[j]o / difference[j]a	negoce[j]o / negoce[j]a
alume[j]o / alume[j]a	distance[j]o / distance[j]a	plage[j]o / plage[j]a
apropel[j]o / apropel[j]a	divorce[j]o / divorce[j]a	presence[j]o / presence[j]a

benefice[j]o / benefice[j]a esvaze[j]o / esvaze[j]a sace[j]o / sace[j]a
chefe[j]o / chefe[j]a evidence[j]o / evidence[j]a silence[j]o / silence[j]a

O falante, ao realizar ‘vare[j]o’, ‘contage[j]a’, ‘plage[i]a’, ‘chefe[j]a’, ‘distance[j]a’, está informando a noção de presente através de manifestação formal no radical do verbo; o conteúdo de presente, nesses dados, não é expresso por um zero morfológico. A ditongação, como um expediente morfológico que manifesta presente, reforça a hipótese de Bybee (1985) de que alterações formais têm, geralmente, contraparte semântica. Evidenciamos que essa contraparte semântica se dá mesmo nos casos em que há condicionamento fonológico (contexto de sílaba tônica) e é uma estratégia produtiva: o falante, em algumas variedades, realiza a ditongação mesmo em desacordo com a norma padrão, informando, assim, o conteúdo de presente.

Em verbos como ‘caber’, ‘saber’, ‘querer’ (de 2ª conjugação), também ocorre ditongação por epêntese de [j] para informar presente: ‘ca[j]b-’ ocorre em P1 do presente do indicativo, no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e em P3 e P6 do imperativo afirmativo; já ‘sa[j]b-’ e ‘que[j]r-’ ocorrem nas mesmas formas com exceção da P1 do presente do indicativo. Podemos afirmar que ‘que[j]r-’, ‘sa[j]b-’ e ‘ca[j]b-’ informam presente através de fusão por ditongação. Na 3ª conjugação, o verbo ‘parir’ é um exemplo em que o radical ‘pa[j]r-’ atualiza a noção de presente. A ditongação, nesses casos, tem uma motivação formal, só acontecendo na P1 do presente do indicativo e nas formas dela originadas: no presente do subjuntivo, na P3 e na P6 do imperativo afirmativo e no imperativo negativo. Essas coincidências formais não são fortuitas. As semelhanças formais que ocorrem têm uma contraparte semântica: veiculam a informação de presente.

Conclusão

Demonstramos, com o artigo, que a informação de *presente* possui manifestação formal em português. O expediente para a informação de presente ocorre por meio de morfologia não-concatenativa: modificação no radical do verbo. Neste artigo, focalizamos casos de fusão de *presente* por ditongação, evidenciando que esse padrão, além de sistemático, é produtivo. Evidenciamos que a morfologia cria um padrão de fusão através da fonologia: *ditongação*; esse padrão manifesta uma categoria gramatical: *presente*, o que

reforça o pressuposto de que os estratos linguísticos - morfologia, fonologia - não são estanques, devendo, então, ser descritos a partir de um *continuum* (BYBEE, 1985).

Referências bibliográficas

AZUAGA, Luísa. “Morfologia”. In: FARIA, I. H., PEDRO, Emília Ribeiro, DUARTE, I., GOUVEIA, Carlos A. M. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. 1 ed. , capítulo 5, Lisboa, Caminho, 1996.

BORBA, Sônia Costa. *O aspecto em português*. 1 ed. São Paulo, Editora Contexto, 1991.

BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. 1 ed., v. 9, Amsterdam; Philadelphia, John Publishing Company, 1985.

CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à Linguística*. 5 ed. Porto Alegre, Editora Globo, 1982.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 1 ed. Petrópolis, Vozes, 1970.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 8 ed. São Paulo, Editora Ática, 1999.

FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de Morfologia*. 3 ed. Rio de Janeiro, Presença, 1991.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Flexão e Derivação em Português*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2005.

GONÇALVES, Carlos Alexandre & ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. “Das relações entre forma e conteúdo nas estruturas morfológicas do português”. In: _____. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários Diadorim*. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, UFRJ, pp. 27-55, 2008.

GREENBERG, Joseph. “Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements”. 1 ed. In: GREENBER, J. *Universals of language*. Cambridge, MA, MIT Press, 1963.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia*. 2 ed. Rio de Janeiro, Campus, 2007.

KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*. 1 ed. São Paulo, Editora Ática, 1990.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça & SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez de. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 5 ed. São Paulo, Cortez, 1989.

- LAROCA, Maria de Nazaré carvalho. *Manual de Morfologia do português*. 1 ed. Campinas, Pontes; Juiz de Fora, UFJF, 1994.
- LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. 1 ed. *Lições de Morfologia de Língua Portuguesa*. Jacobina, Tipô-Carimbos, 2003.
- MCCARTHY, J. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. *Linguistic Inquiry* 12, Cambridge, MA, MIT, 1981, pp. 373-418.
- MIRA MATEUS; M. H.; BRITO, A. M; DUARTE, I. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. 1 ed. Coimbra, Livraria Almedina, 1983.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. 3 ed. São Paulo, Pontes, 1991.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni Petter. “Morfologia”. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística: II Princípios de Análise*. 1 ed., capítulo 4, São Paulo, Editora Contexto, 2003.
- REIS, Otelio. *Breviário de Conjugação verbal*. 41 ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves S. A, 1982.
- RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia Derivacional: teoria e aplicação ao português*. 1 ed. Porto, Porto Editora, 1998.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas Morfológicas do Português*. 2 ed. São Paulo, WMF Martins fontes, 2008.
- ROCHA LIMA, Luiz. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- SANDALO, Maria Filomena Spatti. “Morfologia”. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. *Introdução à Linguística*. 2 ed., capítulo 5, v. 1, São Paulo, Editora Cortez, 2000.
- SANDMANN, Antônio José. *Morfologia Geral*. 1 ed. São Paulo, Editora Contexto, 1991.
- SAPIR, Edward. *Language*. 1 ed. New York, Harcourt, Brace and World, 1921.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português*. 1 ed. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1981.
- VILLALVA, Ana. “Estrutura morfológica básica”. In: MIRA MATEUS, M. H; BRITO, A. M; DUARTE, I. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. 7 ed. , capítulo 22, Lisboa, Caminho, 2003.
- VIVAS, Vítor de Moura. “Relendo as categorias verbais”. *XIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, 209, Rio de Janeiro, 2009.
- VIVAS, Vítor de Moura. “A alternância vocálica no português: regularidade e sistematização”. *Cadernos do NEMP*, vol. 1, n. 1, pp.33-44, 2010.

VIVAS, Vítor de Moura. *Novos enfoques sobre a flexão verbal em português: abordagem formal e semântica do mecanismo fusão*. Dissertação de M.Sc., Faculdade de Letras / UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2011.

ZANNOTTO, Normelio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro, Lucerna; Caxias do sul, Educs, 2006.

Enviado para publicação em maio de 2011.

Aceito para publicação em novembro de 2011.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.